

**BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS:
CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA**

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p159-178](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p159-178)

**OS CATÓLICOS TRADICIONALISTAS E O PAPA REFORMADOR:
IDENTIDADES E RELAÇÕES**

TRADITIONALIST CATHOLICS AND THE REFORMING POPE: IDENTITIES
AND RELATIONSHIPS

LOS CATÓLICOS TRADICIONALISTAS Y EL PAPA REFORMADOR:
IDENTIDADES Y RELACIONES

*

RESUMO

O Papa Francisco tem encontrado diferentes modos de resistência às reformas adotadas como programática de seu pontificado. Os opositores se aglutinam no epicentro dos católicos tradicionalistas que se fundamentam e se organizam a partir de uma percepção pré-moderna da Igreja e do mundo. O Vaticano II constituiu o marco histórico que distinguiu esses católicos dos demais que acataram o *aggiornamento* conciliar. Os católicos tradicionalistas expressam a dinâmica das confissões religiosas nas quais a luta entre carisma e instituição geram reformadores e conservadores. Organizados e atuantes em diversas frentes, os católicos tradicionalistas estão presentes dentro da Igreja e reproduzem em suas visões referências epistemológicas e padrões morais e políticos anteriores aos tempos modernos.

Palavras-chave: Catolicismo, Papa Francisco, Reforma, Tradicionalismo, Vaticano II

ABSTRACT

Pope Francis has encountered different forms of resistance to the reforms adopted as the programme of his pontificate. The opponents are clustered in the epicentre of traditionalist Catholics who are founded and organised on the basis of a pre-modern perception of the Church and the world. Vatican II was the historical milestone that distinguished these Catholics

* Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP, 2001). Livre-Docente em Teologia (PUC-SP). Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP, 1995) e Teologia (Instituto São Paulo, 2009). Graduado em Filosofia (PUC-MG) e Teologia. Professor associado da PUC-SP, professor doutor do Instituto Teológico São Paulo, Editor Paulinas. E-mail: jdpassos@pucsp.br.

from the others who accepted the conciliar aggiornamento. Traditionalist Catholics express the dynamics of religious denominations in which the struggle between charisma and institution generates reformers and conservatives. Organised and active on various fronts, traditionalist Catholics are present within the Church and reproduce in their views epistemological references and moral and political standards that predate modern times.

Key words: Catholicism, Pope Francis, Reform, Traditionalism, Vatican II

RESUMEN

El Papa Francisco ha encontrado diferentes formas de resistencia a las reformas adoptadas como programa de su pontificado. Los opositores se agrupan en el epicentro de los católicos tradicionalistas, fundados y organizados sobre la base de una percepción premoderna de la Iglesia y del mundo. El Vaticano II fue el hito histórico que distinguió a estos católicos de los demás que aceptaron el aggiornamento conciliar. Los católicos tradicionalistas expresan la dinámica de las confesiones religiosas en las que la lucha entre carisma e institución genera reformistas y conservadores. Organizados y activos en diversos frentes, los católicos tradicionalistas están presentes en el seno de la Iglesia y reproducen en sus puntos de vista referencias epistemológicas y normas morales y políticas anteriores a la modernidad.

Palabras clave: Catolicismo, Papa Francisco, Reforma, Tradicionalismo, Vaticano II

1 INTRODUÇÃO

O Papa Francisco surgiu como personagem eclesial reformador; como aquele que poderia recolocar a Igreja Católica na posição de respeitabilidade, mediante os escândalos que haviam exposto a instituição milenar ao julgamento público. O caminho das reformas franciscanas foi se mostrando do ponto de vista simbólico, político e teológico, desde sua primeira aparição na janela da Palácio Apostólico para officiar a primeira bênção. O dilema de um Papa reformador estava posto: personagem tradicional e institucional desafiado a agir de modo reformador, ou seja, como portador de um projeto novo e legítimo capaz de transformar a instituição católica em crise. Como todo reformador, a procedência periférica (fim do mundo, como ele próprio se definiu) dava, de fato, o passo inicial e politicamente previsível. Do ponto de vista político, o centro do poder não pode oferecer autênticos reformadores, apenas burocratas reprodutores da ordem estabelecida. Na tipologia de Bourdieu, o sacerdote preserva, enquanto o profeta reforma (2003, p. 60-61). O profeta costuma vir de algum modo de fora da estabilidade institucional, como veio de fora da mentalidade hegemônica do modelo de cristandade em vigor, o monge Gregório VII, como ascendeu João XXIII depois de longa estadia no oriente mulçumano e ortodoxo e na Paris secularizada do pós-guerra. Jorge Mario Bergoglio vinha do sul do mundo, de

fora da gestão central da Cúria romana, de fora da Europa, do hemisfério norte etc. A grande crise da Igreja pedia com urgência um reformador cuja legitimidade estava ligada à condição de sujeito externo ao centro do regime eclesiástico.

Por dentro e no centro de uma instituição tradicional, a presença de sujeitos tradicionais e tradicionalistas, respectivamente, temerosos e contrários a qualquer reforma, é previsível e inevitável. O Papa reformador contaria com distintos modos de oposição, como ele próprio detectará mais tarde. Mas, a presença dos tradicionalistas não se devia tão somente a esta natureza sociológica da Igreja Católica (burocracia tradicional), mas ao próprio processo conciliar que gerou a frente majoritária que aderiu aos resultados do processo de aggiornamento conciliar, a frente resistente que, em seguida, negou o Concílio como ruptura com a longa tradição e, no decorrer do tempo, os tradicionalistas assimilados e inseridos no corpo eclesial. Os desafios encontrados por Francisco advêm dos tradicionalistas internos que o rejeitam pela via da indiferença ou da oposição oculta, mais do que aqueles que fazem oposição explícita. Como será exposto, além dos católicos tradicionalistas – de diferentes tipos – que se confrontam permanentemente com o Papa reformador, há que considerar as afinidades destes com os conservadores externos à Igreja. As reações às reformas franciscanas não encenam tão somente um script doutrinal católico, mas também político-econômico.

2 PANORAMA RECENTE DO TRADICION ALISMO CATÓLICO

A emergência de uma identidade definida e organizada do catolicismo tradicionalista no século XX tem como divisor de águas definitivo o Concílio Vaticano II (Alberigo, 1995). Foi em torno das reformas que prepararam, realizaram e foram colocadas em marcha pelo evento conciliar que o tradicionalismo se distinguiu como modo de pensar a Igreja, o cristianismo e a sociedade, afirmando a convicção de uma sequência histórica imutável entre a identidade atual e aquela estabelecida pelos Concílios de Trento e Vaticano I. O grupo que se constituiu como resistente às renovações conciliares e logo se institucionalizou como tal foi, na verdade, o resíduo que sobrou do modelo tridentino superado pelas renovações conciliares, mas que já se encontrava em progressiva deterioração, sob pressão dos movimentos de renovação que avançavam no decorrer do século. O Papa João XXIII (1962) já havia detectado

em seu Discurso de Abertura a presença dos “profetas da desgraça” (Kloppenburger, 1963, p. 307-308) como um segmento ativo dentro da Igreja e em alternativa a esta postura fechada propunha o *aggiornamento* necessário da Igreja.

Os debates conciliares se deram como embate permanente entre os distintos campos eclesiais/eclesiásticos. Os modos de denominar estas distintas perspectivas podem variar. O teólogo Massimo Faggioli as classifica como agostinianos e tomistas (2013, p. 31). É possível falar também em escolásticos e renovados, em tradicionalistas e modernos, ou ainda, em essencialistas e históricos. O fato é que a assembleia conciliar significou um processo de renovação do pensamento católico durante os seus quatro anos de debates e decisões. O resultado final foi, antes de tudo, o consenso do grande bloco que assumiu, ainda que em diferentes graus de convicção, o *aggiornamento* da Igreja. De outra parte, saíram do Concílio, também, aqueles que recusaram as renovações e foram adquirindo autodefinição cada vez mais clara e se organizaram como grupo resistente. Convictos de permanecerem fiéis à autêntica tradição compuseram uma “identidade de resistência” (Castells, 2001, p. 24) à maioria renovadora capitaneada pelo Papa Paulo VI (1897-1978). Esta minoria se organizou em um núcleo duro (Fraternidade Sacerdotal São Pio X), mas contou com simpatizantes que foram se adaptando no âmbito do corpo eclesial, na medida em que as derivações do *aggiornamento* assumiam formas concretas nas Igrejas particulares pelo planeta afora e provocava insegurança nos sujeitos defensores da tradição católica.

Nesta moldura, as épocas de recepção do Concílio desenharam os realinhamentos da compreensão das decisões conciliares, agregando frentes, grupos e sujeitos. Os campos hermenêuticos distintos lutaram pela hegemonia de um sentido das decisões conciliares, como bem descreveu Massimo Faggioli em sua obra supracitada, e foram traduzindo-se em movimentações dos católicos de espectros tradicionalistas, em fases que podem ser didaticamente tipificadas como oposição, paralelismos e interação (Gurvitch., 1987).

A) A fase de oposição e construção da identidade tradicionalista

A oposição às renovações marcou forte presença já na realização do Concílio. Um grupo de padres se organizou como frente crítica e avessa às renovações no

conhecido *Coetus internationalis patrum* (Grupo Internacional de Padres conciliares). Sobre esta frente, o perito conciliar Boaventura Kloppenburg (1964), havia observado que, no início da Segunda Sessão conciliar (1963), esta já podia ser claramente identificada: “são sempre as mesmas pessoas que reagem contra quaisquer propostas de renovação e inovação. Quando na Aula Conciliar entra um novo esquema em discussão, já se pode saber de antemão quem irá falar a favor e quem contra” (1964, p. 8). E como testemunha ocular dos fatos, o cronista passa a elencar minuciosamente o conteúdo destas reações às reformas: a) contra as reformas litúrgicas (o uso da língua vernácula na liturgia, a reforma da missa e do breviário, a comunhão sob duas espécies, adaptação da liturgia às várias culturas); b) contra as reformas referentes ao laicato (diaconato permanente para homens casados e fundamentação teológica do laicato no sacerdócio comum e nos carismas do Espírito Santo); c) contra a colegialidade dos bispos fora do Concílio. E acrescenta ainda que: a) são fixados na ortodoxia e ansiosos por condenar erros; b) enxergam equívocos e perigos de heresias nas palavras; c) temem os teólogos; d) afirmam um conceito jurídico de Igreja e a desigualdade essencial de seus membros; e) São autoritários e intolerantes e ameaçam com a excomunhão; e) oneram as consciências e exigem obediência sem discussão; f) identificam a vontade dos superiores com a vontade de Deus; f) Não gostam de falar de *sensus fidei* e identificam a Igreja com o Papa e a Cúria Romana, a quem os bispos devem obedecer; g) fazem da teologia um sistema acabado feito de afirmações de passagens de textos pontifícios arrancados de seu contexto; g) não toleram que falem de defeitos na Igreja; h) identificam unidade com uniformidade e não distinguem o que é essencial na Igreja do que foi acrescentado no decorrer da história; i) são ainda pessimistas em relação ao mundo moderno, no qual só veem perigos, imoralidades e pecado (Kloppenburg, 1964, p. 9-10).

Do núcleo central desta frente/grupo de oposição é que constituirão as igrejas tradicionalistas a partir do epicentro da Fraternidade São Pio X, fundada em 1970 pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre (1905-1991) (Caldeira, 2020). Como é sabido, no Brasil o protagonista desta oposição que se institucionalizou como representantes legítimos da velha tradição foi o bispo Antônio de Castro Mayer (1904-1991) que governou a diocese autônoma/paralela na cidade de Campos dos Goytacazes. É digno de nota que, nesta fase, nem mesmo os bispos brasileiros de perfil conservador ofereceram apoio ou permitiram trânsitos de fiéis com a referida Diocese. Neste

período, a identidade tradicionalista mostrou seus contornos ideológicos e suas formas de organização, embora sem grande originalidade, uma vez que, segundo criam, tratava-se de reproduzir o conhecido modelo tridentino que havia vigorado por séculos como o modo de ser católico no ocidente. Os tradicionalistas católicos não necessitaram, portanto, de qualquer esforço criativo para afirmarem sua identidade, como nos casos dos conservadores clássicos (Burke, 1997) de viés teórico ou os exotéricos (Evola, 1989) de viés mítico que tiveram de construir seus fundamentos e projetos. Os católicos contavam com um acervo de doutrinas, valores e símbolos disponível desde o Concílio de Trento que bastava ser afirmado como modelo permanente e ser reproduzido na identidade agora distinta da Igreja Católica oficial (Libanio, 1984, p. 23-70).

B) A fase de paralelismo: duas identidades católicas

A frente que rejeitou o Vaticano II, entendido como ruptura com a autêntica tradição, foi construindo um percurso próprio e distinto do consenso conciliar a partir do arcebispo Marcel Lefebvre. Constituiu o que para a oficialidade católica era definida como catolicismo paralelo, que não reconhecia a própria eleição de Paulo VI como legítima, por ter ocorrido já em uma conjuntura de ruptura com a autêntica tradição. Nesse sentido, pode-se observar um paralelismo entre dois catolicismos que reivindicam legitimidades, ambos em nome da tradição, embora com percepções distintas de tradição: como continuidade intacta de um modelo fixo recebido e transmitido do passado (tradicionalistas) ou como transmissão que se adapta a cada época, cuja regra consiste em “renovar para preservar” (Theobald, 2015). As duas compreensões sobre o Vaticano II sustentavam os dois grupos assimétricos, do ponto de vista numérico e, também, do consenso eclesial católico hegemônico. Nas tipologias de Castells, travava-se de uma luta entre identidade de resistência (tradicionalistas) com suas “trincheiras de resistência” e identidade legitimadora (catolicismo hegemônico), com sua posição hegemônica e autoridade instituída (Castells, 2001, p. 24). Um paralelismo sem dúvidas incômodo para a Igreja Católica oficial e que se agravava na medida em que os tradicionalistas se afirmavam como autêntica Igreja Católica, executando não somente ritos anteriores ao Concílio, como também reproduzindo suas hierarquias com a ordenação de novos prelados. O ato considerado excomunhão automática (decretado por João Paulo II em 1988)

configurava duas dinâmicas: de um lado a consolidação do cisma inequívoco e, de outro, o desconforto do cisma por parte de João Paulo II e o esforço progressivo de reconciliação. O Brasil vivenciou de forma dramática este paralelismo com a presença de duas igrejas locais na cidade de Campos dos Goytacazes. No mesmo diapasão, posicionava-se a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) com sua sede em São Paulo, e membros militantes espalhados pelo Brasil. Os tradicionalistas católicos configuraram nessa fase que se estende do final da década de sessenta e final da primeira década deste século, como identidade resistente distinta da Igreja Católica (oficial), o que desde então vai adquirindo uma nova dinâmica a partir da retirada da excomunhão por parte de Bento XVI em 2009. O que era até então distinto será mais difuso no conjunto da Igreja Católica. A decisão de Bento XVI não solucionou o doloroso “cisma”, uma vez que o grupo persistiu na prática de ordenação de bispos, porém abriu a porta para a inclusão dos grupos, frentes e sujeitos dissidentes na comunhão católica. O que era distinto e paralelo tornou-se, em certa medida, um jeito natural de ser católico; uma espécie de opção eclesial, mesmo que na contramão das renovações conciliares.

C) A fase de interação e de legitimação do tradicionalismo

Os católicos tradicionalistas moveram-se politicamente para uma postura de interação com as instâncias dirigentes da Igreja, desde a retirada da excomunhão por parte do Papa Bento. Este foi o início de um percurso de diálogo e, no caso do Brasil, de acolhida formal da União Sacerdotal São João Maria Vianney, constituindo-os como lícitos e legítimos, muito embora a Fraternidade São Pio X permanecesse negando o Concílio Vaticano II por dentro de uma narrativa ambígua. A recusa em admitir o Concílio Vaticano II faz com que a Fraternidade permaneça em uma espécie de limbo, ao que parece, por vontade explícita do Papa Francisco, que aposta no tempo como parceiro na solução, e nega o caminho da condenação pelo ato de excomunhão, que permanece suspensa.

No caso do Brasil, a acomodação dos católicos tradicionalistas no corpo eclesial seguiu um caminho próprio e não menos ambíguo. A velha TFP entrou em uma fase de fragmentação com o passar do tempo. A Sociedade fragmentou-se em três grupos distintos, os *Arautos do Evangelho* (Costa, 2022), que surgem como parte que se

integra formalmente à Igreja Romana, renegando as velhas posições da sede vacante e da rejeição ao Vaticano II; a *Associação Cultura Montfort* (Moreira, 2022) que mantém a velha observância, e na mesma linha, os herdeiros diretos da TFP original: o *Instituto Plinio Correa de Oliveira* (Antoine, 1980). A diocese integrista de Campos, foi acolhida e integra hoje a Igreja Católica do Brasil por decisão de João Paulo II, em 18 de janeiro de 2002, sob a figura de Circunscrição Eclesiástica de caráter pessoal, cuja especificidade reside no uso de rituais em latim anteriores às renovações litúrgicas conciliares. Essa fase de interação instaura um paradoxo na Igreja. Se por um lado arrefece o clima de confronto, por outro, cria uma espécie de “cisma integrado”, que permite a convivência de divergências frontais no corpo eclesial sem escrúpulos de ruptura com a comunhão.

Para além destas linhagens que têm como fonte a negação do *aggiornamento* conciliar, os tradicionalistas que acataram a decisão conciliar alinharam-se em posições distintas no seio do catolicismo: os que permaneceram dentro numa espécie de comunhão formal com o Magistério, porém negando a renovação conciliar (caso de Dom Geraldo P. Sigaud); os que acataram as decisões e as estéticas das renovações, mas permanecem com a mentalidade pré-conciliar (parte do episcopado); e os que acataram as reformas, mas compuseram uma frente que buscava reler o sentido das renovações conciliares, a partir de referências pré-conciliares, e que ganharam legitimidade nos pontificados de João Paulo II/Bento XVI (caso da então Prelazia pessoal *Opus Dei*).

Vale, portanto, observar que a leitura do Vaticano II feita por um viés conservador, e as concessões ao uso de rituais em latim (rito São Pio V), feitas por Bento XVI a grupos no interior da Igreja, contribuíram com a crescente dissolução dos católicos tradicionalistas no corpo eclesial. Se as fronteiras identitárias entre os renovados e os tradicionalistas permanecem nítidas, sobretudo nos aspectos ritualístico e político, elas, no entanto, ficam borradas por dentro da pastoral e de certos movimentos de cunho conservador, de modo particular através das redes sociais.

Um gradiente dos tradicionalistas pode ser desenhado desde aquele núcleo clássico ainda posicionado na negação ao Vaticano II até os que sustentam posturas tradicionalistas plenamente integrados ao corpo eclesial. Em termos tipológicos

podem ser descritos como: *paralelos* (se afirmam como os autênticos católicos mas negam as renovações conciliares e todos os seus desdobramentos); *incluídos* (tendências e grupos com identidade tradicionalista; estão inseridos, em princípio, na comunhão eclesial, porém, reproduzem de modo persistente e militante práticas tradicionalistas do primeiro grupo)¹ *assimilados* (sujeitos eclesiais de perfil tradicionalista dissolvidos no corpo eclesial, que ocupam postos eclesiais, e reproduzem a mentalidades anteriores ao Vaticano II).

Não obstante as posturas e posições distintas de cada tipo, é possível detectar tendências comuns que os une minimamente, tais como: a afirmação da centralidade do clero, o gosto pelo triunfalismo na liturgia, a militância contra o aborto, a negação ou desprezo do ecumenismo, a crítica à chamada “ideologia de gênero”, a afirmação do comunismo como inimigo da fé católica e, por conseguinte, a rejeição de críticas ao capitalismo, a prática exacerbada de devoções marianas, a reprodução de posturas espirituais individualistas, desprezo pela Doutrina Social da Igreja e rejeição da opção pelos pobres, a negação ou ignorância da pluralidade religiosa e teológica, a prática de devoções anteriores ao Vaticano II, a defesa da moral objetiva, a postura de amizade com as elites econômicas, a simpatia por regimes autoritários e a afirmação de estéticas (ritos, símbolos, paramentos e, até, mesmo trajes) do passado (Passos, 2020, p. 101-126).

3 O REFORMADOR ENTRE OS TRADICIONALISTAS

É preciso considerar inicialmente dois aspectos das posturas de Francisco em relação aos tradicionalistas. Primeiramente, a postura inédita de Francisco em relação aos tradicionalistas intransigentes e autônomos, é de concessões (confissão e comunhões válidas por parte dos padres da entidade) e de diálogo com o seu prelado. Francisco afirmou: “Para mim não é um problema de vencedores ou de vencidos. É um problema de irmãos que devem caminhar juntos procurando a forma de dar passos adiante”.²

¹ Caso emblemático do Centro Dom Bosco (Maria, 2022).

² <https://cleofas.com.br/o-papa-francisco-explica-o-estado-atual-das-relacoes-com-os-lefebvristas/#:~:text=Para%20mim%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20um,depois%20do%20Conc%C3%ADlio%20Vaticano%20II>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

Duas convicções podem ser sugeridas como pressupostos da posição do reformador Francisco. A primeira é a afirmação tácita de uma autonomia (cisma em relação à Igreja Católica) ao entender que se trata de “irmãos” que devem buscar entendimento, na convicção de que o ecumenismo é um caminho permanente da Igreja. É no próprio Vaticano II que esta postura se sustenta. A perspectiva eclesiológica franciscana orienta-se pela regra do diálogo sem limites, que não exclui ninguém. Não poderia haver limites para dialogar também com esse grupo intransigente. A segunda convicção diz respeito à hermenêutica de fundo das reformas franciscanas: clara e deliberadamente anti-tradicionalista, por estar fundamentada em uma visão e interpretação históricas que supera a visão essencialista e fixa da realidade, e que busca, assim, discernir em cada contexto os modos de transmitir a verdade revelada (como atualização permanente) de ensinar a doutrina (como sistema aberto e não fechado), e indicar as normas morais (como parâmetros de discernimento permanentes e não como regra eterna e infalível). O Papa que acolhe os que são contra toda reforma da Igreja desde o Vaticano II, é o mesmo que leva adiante o *aggiornamento* conciliar sem concessões ao espírito e a letra do que foi desencadeado desde então.

Contudo, em relação aos tradicionalistas assimilados no interior da Igreja, Francisco adota uma postura não de enfrentamento, mas de críticas duras e de insistência no princípio da Igreja em permanente estado de reforma. Critica aqueles que compreendem a Igreja como um museu, a tradução como transmissão imutável, a doutrina como um depósito fixo, a norma moral como regra universal, a liturgia como ritualismo, as vestes litúrgicas como padrão estético indispensável. O enfrentamento mais direto aos tradicionalistas foi a recente mudança do estatuto eclesial do *Opus Dei* que, a partir do *Motu proprio* de 8 de agosto de 2023, deixou de ser Prelazia pessoal, sendo assimilada às Associações clericais públicas de direito pontifício.

Não haveria uma contradição entre as posturas de acolhimento dos intransigentes autônomos e a firmeza das reformas? Ao evitar a condenação formal ou a exclusão prática destes tradicionalistas, Francisco afirma a convicção de que os processos são fundamentais na vida da Igreja, antes das ideias e das decisões oficiais, já que o tempo é superior ao espaço, a realidade mais importante que as ideias e a unidade

superior aos conflitos (*Evangelii gaudium*, nº 222-237)³. Se Francisco pratica o diálogo com todos, o faz, no entanto, na perspectiva fundamental da renovação que exclui os isolamentos e fixações. A diferença, por mais frontal que seja (chegando a negar a legitimidade do próprio Papa), não constitui motivo de exclusão e condenação, mas de discernimento e busca obstinada da verdade.⁴ Trata-se de acolher o diferente (o oponente) e buscar os caminhos do diálogo na caridade e no discernimento (Passos, 2018). No projeto da *Igreja em saída* (*Evangelii gaudium*) o diálogo é princípio, método e meta permanentes.

Os católicos tradicionalistas estão hoje dissolvidos dentro da Igreja em movimentos e posturas reproduzidos por distintos sujeitos eclesiais, do topo da hierarquia ao laicato. É com estes perfis e sujeitos que Francisco se depara permanentemente em todo o conjunto da Igreja, da Cúria Romana aos movimentos que atravessam o mesmo conjunto e arrebanham números consideráveis de leigos. A Igreja Católica assumida pelo Papa reformador estava naturalmente composta pelos diferentes grupos tradicionais e tradicionalistas, de um modo geral reticentes às renovações conciliares e avessos a reformas, tendo em vista sua percepção de realidade como estabilidade e como monismo eclesial (identidade entre a instituição e o mistério da Igreja), assim como a opção por um projeto eclesial anterior ao Vaticano II, centrado na hierarquia e na tradição fixa. Quanto mais é afirmada a necessidade de reforma, mais se recrudescem e se manifestam contrários, sempre em nome de uma verdade fixa a ser respeitada e reproduzida sem mudanças.

Nesta conjuntura, as reformas franciscanas foram, portanto, adquirindo clareza proporcionalmente às oposições de sujeitos eclesiais que a elas reagiam, a começar do alto escalão da própria Cúria Romana. As reformas delegadas pelos Cardeais que o elegeram não incluíam, por certo, a radicalidade proposta pelo novo Papa, que ia muito além de reformas moral e disciplinar, capazes que fossem de livrar a Igreja de

³ Vale citar a esse respeito uma passagem emblemática da *Exortação*: “Este princípio permite trabalhar a longo prazo sem a obsessão pelos resultados imediatos. Ajuda a suportar, com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de plano que o dinamismo da realidade impõe. É um convite a assumir a tensão entre a plenitude e o limite, dando prioridade ao tempo”. *Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, nº 223.

⁴ Pode-se conjecturar ser esta a postura e a razão de fundo pelas quais Francisco não tem adotado o crivo ideológico reformista em suas relações, nem mesmo nos processos de nomeação de Bispos, chegando a aprovar (ou conceder) a escolha de bispos tradicionalistas contrários aos seus projetos de reforma.

eclesiásticos corruptos e pedófilos. A reforma eclesial exposta de forma clara e inequívoca por Francisco na programática Exortação *Evangelii gaudium* (2013), chocava-se com a Igreja da preservação (da tradição, da doutrina, das normas, do poder clerical e das regras de funcionamento do aparelho eclesial). Duas visões eclesiais – da renovação e da preservação – já em confronto nos dois pontificados anteriores se encontravam agora instaladas no centro do poder eclesial/eclesiástico. Esquemáticamente podem ser desenhadas como: a perspectiva da preservação instalada no conjunto da Igreja (com variados perfis) e a perspectiva da renovação retomada por Francisco. Não se tratava tão somente de dois paradigmas teológicos distintos, mas, agora, de dois projetos compondo um campo demarcado por forças opostas.

O projeto de preservação firma-se na estabilidade, no poder centralizado, na hierarquia clerical, no eclesiocentrismo e no dogmatismo. O projeto reformador busca efetivar-se na mudança urgente, na descentralização do poder, no teocentrismo inclusivo e no discernimento. O primeiro entende a tradição como transmissão de uma verdade fixa e imutável; o segundo, como transmissão que se renova na história. O primeiro afina-se com as elites do poder mundial, enquanto o segundo afirma a opção pelos pobres como imperativo evangélico. Trata-se de dois modos distintos de entender os fundamentos, as estruturas e os lugares da Igreja que são mutuamente excludentes. Entre os dois poderá haver indiferença, respeito, acordos políticos, jamais síntese.

O Vaticano II permanecerá como um divisor de águas entre os renovadores e os conservadores. Mas há que considerar, também, que as religiões institucionalizadas carregam inevitavelmente uma tensão entre as figuras inseridas no mesmo campo, aquelas destinadas a conservar a ordem, o sacerdote, e aquelas investidas do espírito da mudança, os profetas. Esta tipologia designada por Pierre Bourdieu (2003, p. 63;90-92) ajuda a entender a figura sempre ambígua de um Papa reformador que, enquanto Papa, administra a ordem institucional e deve preservá-la e, enquanto reformador, busca os modos legítimos de modificá-la. Este paradoxo do qual os reformadores posicionados fora das funções de direção da instituição ficam isentos, o Papa Francisco carrega como desafio permanente e, por certo, como cruz diária. É

nesse campo de forças que se deve situar Francisco e suas reformas com as oposições internas e externas à Igreja Católica.

A) As oposições internas às reformas

Em 2016, Francisco mapeava as oposições às reformas da Igreja a partir de três tipos: as “resistências abertas, que nascem muitas vezes da boa vontade e do diálogo sincero”, as “resistências ocultas, que nascem dos corações assustados ou empedernidos” e as “resistências malévolas, que germinam em mentes tortuosas e aparecem quando o diabo inspira más intenções (muitas vezes disfarçadas sob pele de cordeiros)” (Discurso à Cúria Romana, 22 de dezembro de 2016). As reformas já davam os primeiros passos e os resistentes reagiam nesses posicionamentos. O drama de todos eles era, de fato, conciliar o ethos católico da comunhão eclesial e da fidelidade ao Papa com as reformas que se mostravam ameaçadora à ordem estável. Francisco não quantificou as três tendências em seu discurso, mas, certamente as “resistências ocultas” predominavam no conjunto da Igreja, como forma regular de se fazer política na Igreja, onde a lógica do segredo e das alianças discretas e ocultas prevalecem sobre as posturas de enfrentamento.

Nos anos seguintes pode-se observar uma certa acomodação/evolução destas tendências a partir dos sujeitos eclesiais individuais e coletivos. Primeiramente, no âmbito do episcopado, onde a oposição direta e explícita vai dando lugar à oposição indireta e implícita, tendo em vista dois movimentos: na recomposição e recolocação dos quadros da Cúria Romana que tiraram do foco central da Igreja os personagens que se posicionavam contra as reformas; pela ação orquestrada dos bispos em torno da nomeação de bispos junto às nunciaturas, o que permitiu a reprodução da frente tradicional por dentro do discurso da comunhão e da fidelidade, podendo ser visto como um avanço da postura das oposições ocultas. De um modo geral, as posturas tradicionalistas não recuaram e nem recrudesceram, mas se adaptaram por dentro da cultura e das políticas reformadoras do Papa: a) acatando as decisões institucionalizadas, como é regra e cultura na práxis eclesial católica; b) reproduzindo os discursos oficiais, numa espécie de adesão formal sem convicção; c) relendo as orientações e declarações de Francisco, como no caso do projeto da sinodalidade; d) mantendo a rotina institucionalizada da Igreja que se mantêm sem necessitar das

reformas; e) reafirmando teologias distintas da teologia subjacente ao Magistério franciscano.

Em segundo lugar, é possível notar a acomodação/evolução no âmbito dos Grupos organizados. Ocorre nesse âmbito uma crescente explicitação das narrativas antirreforma e anti-Francisco e, até mesmo, anti-Vaticano II. Estes grupos tradicionalistas organizados atuam por meio de redes sociovirtuais, contam com líderes que alimentam as narrativas e se expandem numericamente com seus seguidores. Como é característico das redes sociais digitais, as narrativas são revestidas de paixão, estruturadas na oposição verdade-falsidade (bem e mal) e sem compromisso com os fatos e com a fidelidade ao Magistério do Vaticano II e do Papa. Estes grupos revelam o retrato mais fiel da sobrevivência e expansão dos católicos tradicionalistas nos dias atuais. Espalhados pelas redes virtuais e aglutinados em torno de lideranças midiáticas estes tradicionalistas agregam muitos adeptos anônimos e divulgam suas ideias por dentro das comunidades eclesiais.

Em terceiro lugar, no âmbito das frentes assimiladas, o movimento avança na adaptação perante as reformas por dentro da vida interna dos grupos (entidades, grupos e movimentos de viés tradicionalistas), como indiferença vivenciadas na rotina dos mesmos, como resistência passiva que vivia da saudade/fidelidade ao Papa Bento XVI, como comunhão em torno de seus carismas e fundadores, sendo assim alimentados por seus magistérios particulares paralelos ao Magistério papal. A fidelidade ao Papa é anunciada regularmente na divulgação da figura (adesão estética legitimadora da catolicidade) e da agenda papal. Aqueles que possuem canais de TV oferecem um conteúdo ambíguo que, ao mesmo tempo, divulga os ensinamentos do Papa e as catequeses e rituais centrados no clericalismo, nas devoções tradicionais, na espiritualidade individualizada e nos rituais mágicos.

Para os tradicionalistas do segundo grupo, as reformas de Francisco e sua própria pessoa é um corpo estranho declarado dentro da verdadeira Igreja e da autêntica doutrina, um risco à fé católica e, por vezes, um instrumento da ação do Maligno. Para a terceira frente, Francisco é um corpo estranho assimilado na indiferença na rotina do grupo. E, para ambos, resta aguardar a superação da tempestade por um novo Pontífice.

4 AS OPOSIÇÕES EXTERNAS: AFINIDADES TRADICIONALISTAS

Os tradicionalistas não são filhos endêmicos e exclusivos do catolicismo romano, assim como tudo na Igreja Católica. As posições de renovação e de preservação afirmadas, refletidas e institucionalizadas no seio da Igreja estão sempre relacionadas a movimentos históricos mais amplos. Este tema é constitutivo da sociologia da religião e, por distintos métodos, permite construir paralelos, analogias, transversalidades e afinidades entre as tendências sociais e as tendências eclesiais. Nesse sentido, pode-se postular a relação de afinidade entre os tradicionalistas católicos e os conservadorismos sociais e políticos emergentes pelo planeta afora. Não se trata apenas de um postulado retirado de leis sociológicas, mas demonstrado por fatos históricos atuais. Vale lembrar alguns deles.

O primeiro se refere à articulação de três líderes tradicionalistas de diferentes habitats políticos: o Cardeal Raimond Burke, estadunidense da Cúria Romana; o estrategista de D. Trump, Steve Bennon e o então Ministro do interior da Itália, Matteo Salvini. Os três planejaram uma frente de resistência às reformas franciscanas, planejaram a criação de uma Academia para o ocidente Judaico-cristão integrado ao Instituto pela Dignidade Humana, fundado em 2008. O plano não concretizado, seria financiado pelo católico milionário indiano Nirj Deva e deveria receber em 2020, duzentos alunos procedentes de movimentos nacionalistas europeus (Castells, 2019). O segundo fato foi a reivindicação do governo brasileiro de extrema direita para participar no Sínodo da Amazônia realizado em Roma, no ano de 2019. Sabendo da impossibilidade, planejou, em seguida, a realização de um Seminário sobre a Amazônia, em Roma (um Contra-Sínodo) com a finalidade de se contrapor às narrativas dos padres sinodais. Outro dado revelador é sobre a composição do citado governo, que abrigou em seus escalões personagens de distintas confissões e convicções em torno de um mesmo projeto neoteocrático: fundamentalistas evangélicos, tradicionalistas católicos e militares autoritários (Passos, 2021). Estas tendências até então pouco afinadas se aliaram em um mesmo projeto de governo de viés ultradireitista, com pautas antidemocráticas e, supostamente, cristãs. Vale lembrar ainda que, os movimentos golpistas violentos que invadiram o Capitólio nos Estados Unidos (em 6 janeiro de

2006) e o prédio dos três poderes em Brasília (em 8 de janeiro de 2008) contaram com o apoio e a presença ativa de clérigos e leigos, evangélicos e católicos.⁵

Estes fatos induzem à pergunta sobre as afinidades entre os tradicionalistas católicos e as ideologias e governos de extrema direita. O sociólogo Michel Löwy explica a categoria analítica weberiana, “afinidade eletiva”, como aquela que possibilita “definir o vínculo de interesses de classe e visões de mundo”, bem como “analisar a relação entre doutrinas religiosas e formas de ethos econômico” (1989, p. 15). Nesse sentido, as percepções distintas e aparentemente sem relações podem aderir uma outra em um processo de retroalimentação de suas posturas. Quais seriam as afinidades eletivas entre os conservadores capitalistas ocidentais e os tradicionalistas católicos?

Os tradicionalistas adotam um fundamento estável e verdadeiro revelado em alguma fonte e uma estratégia de tradução política desta verdade única e segura por meio de regimes centralizadores, ordeiros e seguros capazes de enfrentar a diversidade e a dispersão. O regime de verdade busca, assim, sua expressão concreta em regimes políticos que traduzam sua unidade (contra a diversidade), sua estabilidade (contra as renovações) sua segurança (contra as crises). Nesse sentido, os universos distintos do tradicionalismo e dos governos centrados na ordem se afinam e se apoiam: a) na preservação do bem-estar e dos poderes do norte da invasão dos imigrantes do sul; b) na proteção do ocidente cristão da invasão dos refugiados e islâmicos do oriente; c) na defesa do ocidente contra o perigo do comunismo sempre à espreita; d) na retomada da identidade cristã fragmentada do ocidente pelos valores da modernidade; e) na recuperação dos modelos de família tradicional (patriarcal) deteriorados pelo feminismo e ideologia de gênero; f) na retomada de uma base moral comum da sociedade e na afirmação do cristianismo como base da vida social, cultural e política do ocidente.

Numa palavra, o mundo estável da tradição católica edificado sobre uma cosmologia antiga (filosófica e religiosa), administrado pelo poder hierarquizado e reproduzido pelas catequeses fundamentalistas, sustenta com autoridade teológica a ordem econômica mundial também estável, dogmática e inquestionável e esta mesma ordem

⁵ Benjamin Teitelbaum oferece uma rica etnografia sobre a articulação política dos tradicionalistas exotéricos que servem de apoio para os ideólogos de Trump, Bolsonaro e Putin (Teitelbaum, 2021).

ofereceria a base estável para esta percepção. O Papa Francisco ameaça ambas as ordens com seus ensinamentos eclesiológicos, morais e sociais. A cosmovisão franciscana seria portadora do germe e da estratégia da desordem do mundo ocidental, quando deveria, na verdade, somar-se com os arautos da ordem e da preservação. Esta postura de oposição parece estar inserida no rol das diversas fobias que hoje são alimentadas pelas redes sociovirtuais, considerando Francisco mais um inimigo a ser vencido. O escritor francês Yves Chiron cunhou a categoria *françoisphobie* (franciscofobia) para designar estas oposições (2020). Francisco posiciona-se na linha da consciência conciliar demarcada pela historicidade que instaura uma ruptura com a consciência pré-moderna fixista e tradicionalista (Passos, 2023, p. 91-94) e que, por esta postura conservadora, afina-se com a preservação política da ordem global.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno visível dos tradicionalistas católicos é parte da dinâmica maior dos tradicionalismos políticos que se afirmam em regimes de extrema direita pelo planeta afora. As posturas religiosas e políticas se afinam em crenças e pautas comuns centradas na percepção de estabilidade e imutabilidade da realidade e de resistências às mudanças modernas. Para ambas as posturas a crise da sociedade atual necessita de parâmetros seguros capazes de restaurar a identidade dissolvida pelas mudanças modernas.

Assim como em outras confissões religiosas, o catolicismo contou sempre com preservadores e renovadores. Do esforço de preservar de modo fiel o carisma fundante, nascem os vigilantes da ordem estável e os reformadores, ambos agindo em nome da fidelidade à verdade fundante da tradição. As figuras tipológicas construídas por Pierre Bourdieu, expressam com precisão esta tensão inevitável. E a cada projeto de reforma, a tensão se instala com nitidez e vai sendo traduzida em projetos político distintos que se confrontam. No ethos católico, diferentemente do protestantismo, os tradicionalistas radicalizados – separatistas e cismáticos - tendem a ser expelidos do sistema oficial como rupturas da comunhão e, por conseguinte, como hereges e cismáticos. No entanto, na conjuntura atual a diversidade de posturas

assumidas pelos católicos tradicionalistas dificulta por razões políticas a costumeira separação do joio e do trigo.

Com os tradicionalistas considerados separados, Francisco adota a postura dialogal que descende diretamente do Vaticano II: o diálogo com os irmãos separados. A condição de excomungados em que se encontram, segundo a lei católica, exige de Francisco o diálogo e, por conseguinte, o nítido esforço de aproximação. De outra parte, os tradicionalistas interiorizados no regime católico contam, evidentemente, com a discordância do Papa reformador que prefere a ação indireta e gradativa em relação às suas posturas de oposição. A convicção de que “o tempo é superior ao espaço” parece orientar, de fato, as decisões lentas, porém efetivas de Francisco, preferindo operações pontuais e respostas por vezes tardias, àquelas frontais, imediatas e estruturais, como no caso da reforma da Cúria Romana. Sabedor do peso histórico e institucional do sistema católico com seus sujeitos reprodutores, o reformador prefere as estratégias da real politik em vez das mudanças estruturais radicais e das decisões colegiadas em vez das decisões autocráticas. Por certo, o catolicismo não é mais a mesma unidade de doutrina e de práticas. O Papa Francisco segue coerente com o princípio político-pedagógico da paciência histórica e do diálogo, quando insiste que “o tempo é superior ao espaço” e a “unidade prevalece sobre o conflito” (Evangelii gaudium, 226-230;234-237).

O pontificado franciscano caminha para uma conclusão e contará até o fim com oposições advindas de dentro e de fora da Igreja Católica. O futuro reserva os reais processos de recepção de suas reformas, assim como a eficácia das oposições em curso. Por outro lado, a regra do ethos católico permanecerá em funcionamento: assimilar o novo na moldura do velho.

REFERÊNCIAS

- ANTOINE, C. **O integrismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980.
- ALBERIGO, G. **História dos Concílios ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.
- BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BURKE, E. **Reflexões sobre a revolução francesa**. Brasília: UNB, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e terra, 2001, p. 24.

CASTELLS, M. **Diálogos do sul**, 19/03/2019. Disponível em: In <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/mundo/55353/steve-bannon-e-a-conspiracao-contra-a-europa-por-manuel-castells>. Acesso em 12 de novembro de 2023.

CHIRON, Yves. **Françoisphobie**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2020.

COSTA, G. B. **Catolicismo tradicionalista e Aautos do Evangelho**: aspectos fundamentais de um tradicionalismo católico. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF, 2014.

EVOLA, J. **Revolta contra o mundo moderno**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

FAGGIOLI, M. **Vaticano II**; a luta pelo sentido. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, **Discurso de 22 de dezembro de 2016**, Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/november.index.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

FRANCISCO. **Lettera Apostolica** in forma di «motu proprio» del sSommo Pontefice. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/20230808-motu-proprio-prelature-personali.html. Acesso em 30 de setembro de 2024.

GURVITCH, G. **Dialética e sociologia**. São Paulo: Vértice, 1987.

JOÃO XXIII. **Discurso de Sua Santidade João XXIII na abertura solene do SS. Concílio**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/johnxxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em 30 de setembro de 2024.

KLOPPENBURG, B. **Concílio Vaticano II**, Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1963.

KLOPPENBURG, B. **Concílio Vaticano II**, vol. III. Petrópolis: Vozes, 1964.

LIBANIO, J. B. **A volta à grande disciplina**. São Paulo: Loyola, 1984.

LÖWY, Michel. **Redenção e utopia**; o judaísmo libertário na Europa central. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MARIA, K. Centro Dom Bosco; em nome de Deus. in **O mensageiro de Santo Antônio**, novembro de 2022.

MOREIRA, J. C. M. **O cristofascismo, o integrismo e a guerra cultural**: um estudo sobre a Associação Cultural Monfort. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião PUC-SP, 2022.

PASSOS, J. D. **Método teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018.

PASSOS, J. D. **A força do passado na fraqueza do presente**: o tradicionalismo e suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020.

PASSOS, J.D. **Obstáculos à sinodalidade**: entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2023.

TEITELBAUM, B. **Guerra pela eternidade**: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Unicamp, 2021

THEOBALD, Christoph. **A recepção do Concílio Vaticano II**, Vol I; acesso à fonte. São Leopoldo: Unisinos, 2015.